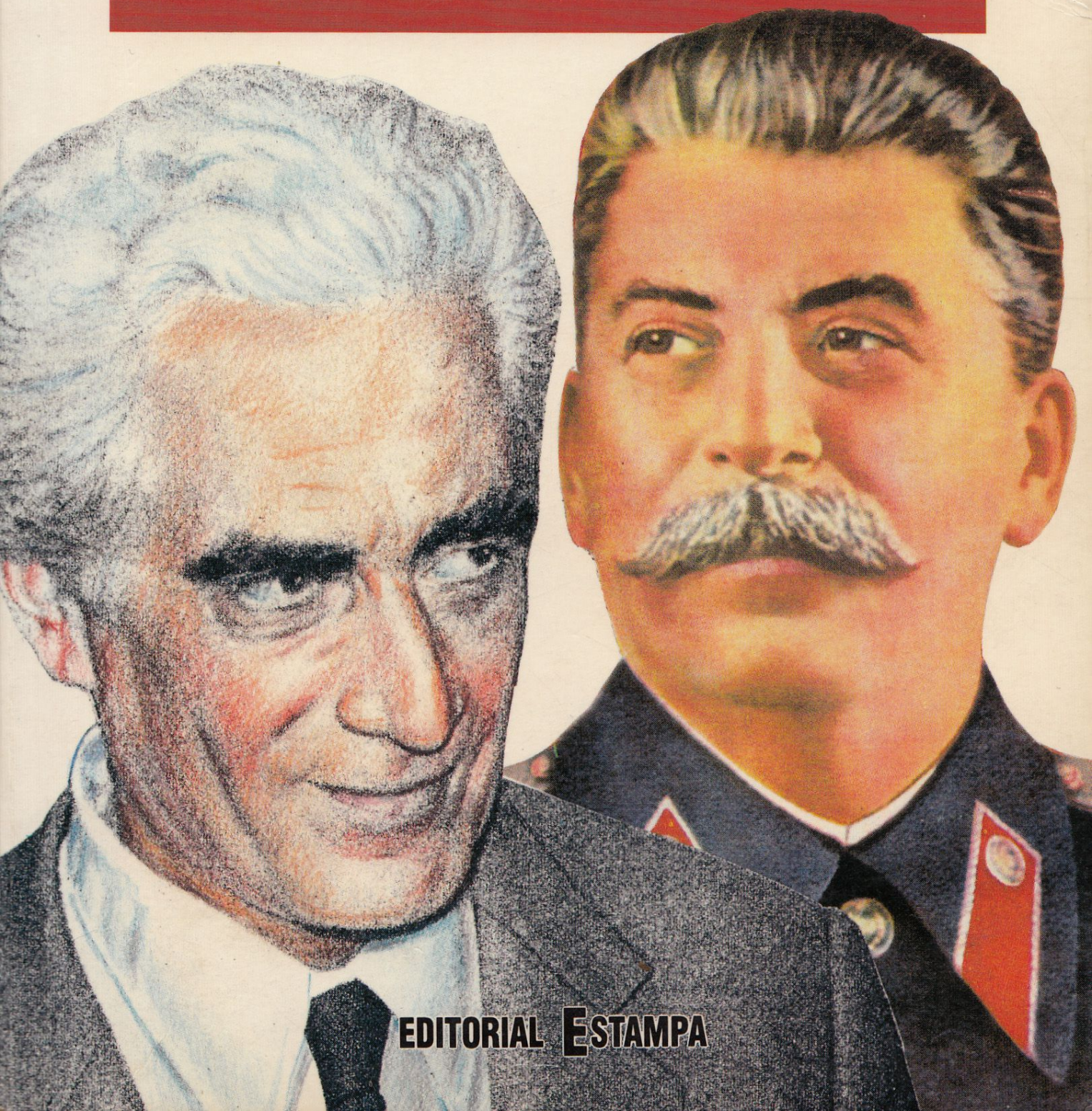


Histórias de **P**ortugal

João Madeira
Os Engenheiros
de Almas

O Partido Comunista e os Intelectuais



EDITORIAL ESTAMPA

A partir de Maio de 1939, com a suspensão do *Avante!*, a *O Diabo* e ao *Sol Nascente* caberá a tarefa de defender a política externa soviética, marcada pelo pacto germano-soviético do Verão desse ano. Tarefa que não teria sido fácil dadas as incompreensões e dúvidas que tal posição provocou entre nós, ainda que esbatidas pelo carácter ditatorial repressivo do regime português.

Na redacção de *O Diabo* o facto levou, como vimos, à demissão do director Guilherme Morgado e, entre os principais colaboradores, militantes comunistas, a situação não teria sido a melhor. Cândida Ventura refere a reacção de Alves Redol, por exemplo:

"lembro-me que estávamos na redacção de 'O Diabo' quando Alves Redol entra alarmado, depois de ter abandonado o seu emprego, lançando os papéis ao ar, numa manifestação de revolta. Precisava da companhia dos amigos e de palavras que o quisessem ajudar a compreender um tal 'pacto'. Faltavam-nos as palavras de 'explicação' que ele e nós precisávamos."

Mas a posição do PCP, a partir da reunião ampliada do CC de Outubro de 1939, reproduz os argumentos da União Soviética e da Internacional Comunista e abre um período de isolacionismo político, em que critica com ferocidade as correntes democráticas e radicais e se afirma como a verdadeira e única organização de esquerda e revolucionária, defendendo face ao quadro internacional de guerra uma posição de neutralidade anti-imperialista.

É esta posição que vai estar patente em diferentes artigos publicados por Fernando Pinto Loureiro no *Sol Nascente* e por Álvaro Cunhal em *O Diabo*.

Pinto Loureiro na sua Crónica Mensal dirá explicitamente que *"A Rússia, objecto de uma política de aberta e mal disfarçada hostilidade da França e da Inglaterra [...] reagiu num acto de aparência brutal (acordo germano-russo), contra vinte anos de política anti-soviética"*.

Álvaro Cunhal no seu conhecido artigo *Nem Maginot nem Siegfried*, explorando a dimensão metafórica das duas linhas de frente da Primeira Guerra Mundial, sustenta uma posição de pretensa neutralidade, para quem não há

diferença entre a Alemanha de Hitler, a França de Daladier ou a Inglaterra de Chamberlain, de que exclui, obviamente, a URSS, concluindo:

"Maginot e Siegfried, Linhas de combate de um mundo contra si próprio. Fortalezas que se temem porque cada uma sabe que a derrota da outra pode representar a própria derrota. Em Maginot e Siegfried, as mesmas causas, os mesmos objectivos, as mesmas justificações..."

Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista e os intelectuais, João Madeira, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, pp. 129-131.